

Quando uma Pessoa Realmente Precisa de Ajuda

Mateus 14:13-21; Marcos 6:33-44;

Lucas 9:11-17; João 6:2-14,



Olhando de perto

Um dos milagres mais significativos de Cristo é aquele que geralmente descrevemos como “Jesus alimenta os cinco mil”. Além da ressurreição, este é o único milagre registrado em todos os quatro relatos do evangelho¹. Por que esse milagre em particular é tão valorizado? Uma possível razão é que ele foi um dos poucos milagres “criacionistas” do Senhor². Talvez seja porque nenhum outro milagre tenha sido testemunhado por um número tão grande de pessoas sob circunstâncias que impossibilitavam uma fraude. Qualquer que seja a razão, a história de Jesus alimentando a multidão foi importante para os primeiros cristãos. O tema dos pães e peixes é comum na arte cristã do primeiro século e esse incidente ainda possui um significado especial para os cristãos de hoje. Quando se faz um levantamento das histórias bíblicas favoritas, essa história sempre ocupa uma colocação próxima ao topo da lista.

O episódio da multiplicação pode ser abordado de vários pontos de vista³, mas queremos usá-lo aqui como um exemplo de como Jesus ajudava as pessoas—e como você e eu podemos fazer o mesmo. Se o Novo Testamento ensina alguma coisa, ele ensina que os seguidores de Cristo devem ser sensíveis às necessidades dos outros e tentar ajudá-los.

Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé (Gálatas 6:10).

¹A repetição ganha mais relevância, quando consideramos que, dentre os milhares de milagres que Jesus realizou, João escolheu apenas sete—e que João normalmente evitou, de propósito, repetir o que os relatos sinópticos já haviam registrado. (Estude a lição “O Livro de João”, na primeira edição desta série.)

²Por “criacionista” refiro-me ao fato de Cristo ter “criado” alguma coisa. Outro exemplo é a transformação da água em vinho.

³Na lição anterior, olhamos para esse acontecimento do ponto de vista de uma prova de fé.

A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo (Tiago 1:27).

Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 João 3:17).

A história da multiplicação aos cinco mil contém princípios importantes sobre como cumprir as ordenanças acima—sobre *como* ajudar e *como* não ajudar quem se encontra verdadeiramente em necessidade.

PESSOAS TÊM NECESSIDADES

A primeira parte da história destaca o fato de que existem pessoas que, de fato, têm necessidades legítimas⁴. Começamos fazendo uma revisão e levantando informações contextuais.

Jesus e Seus apóstolos haviam viajado pela Galiléia. No fim dessa viagem, eles souberam que o rei Herodes havia decapitado João Batista—e mostrava-se perigosamente interessado nas atividades deles⁵. Cristo propôs aos doze que fossem para a margem leste do mar da Galiléia. O destino deles era uma região deserta próxima a Betsaida-Julias, no extremo norte da outra margem do mar da Galiléia, a uns onze ou doze quilômetros dali⁶. A viagem de

⁴Segundo o ensino de Paulo em 2 Tessalonicenses 3, algumas pessoas não devem ser ajudadas porque tal ato incentivaria a preguiça delas. Falaremos brevemente desse aspecto (se quiser, amplie o assunto), mas o propósito deste sermão é enfatizar o aspecto positivo da assistência e não o negativo. Por necessidades reais ou legítimas referimo-nos àquelas citadas nas Escrituras.

⁵A respeito do interesse de Herodes pelo ministério de Jesus, reveja os comentários nas páginas 41 a 43 da edição anterior desta série.

⁶Essas informações baseiam-se na dedução de que a viagem deles teria começado em Cafarnaum ou perto dali. Veja o mapa na página 16. Reveja os propósitos de Jesus ao retirar-Se para a outra margem do mar na lição “O Perigo do Sucesso”, na edição anterior desta série.

barco para a outra margem do mar provavelmente foi lenta. Imagino Cristo—e talvez alguns dos discípulos—tirando um cochilo durante o trajeto (veja Mateus 8:24).

Pessoas Necessitadas daquela Época

Nesse ínterim, a multidão de Cafarnaum, de alguma maneira, ficou sabendo dos planos de Jesus e “vieram das cidades seguindo-o por terra” (Mateus 14:13). Marcos escreveu que eles “correram para lá, a pé... e chegaram antes deles” (Marcos 6:33)⁷. Visualize a seguinte cena: os mais jovens e em melhores condições físicas correndo a beira-mar enquanto os mais velhos e menos preparados seguiam num ritmo mais lento. Entre os que corriam o máximo que podiam estavam alguns levando seus doentes para Jesus curar (Mateus 14:13, 14). É provável que todos tenham partido da região de Cafarnaum juntos, mas logo espalhou-se uma extensa procissão formando uma fila no contorno do extremo norte do mar.

Quando o barco de Jesus aproximou-se da praia, já havia uma multidão ali, aguardando ansiosamente por Sua chegada (Marcos 6:33; Mateus 14:14). Será que os discípulos suspiraram ao ver a multidão?⁸ Estavam cansados e famintos (Marcos 6:31); precisavam de um tempo a sós com Cristo; mas ali estava a sempre-presente multidão solícita! Sei como deviam estar se sentindo. Às vezes, fico tão cansado física, mental e espiritualmente—mas as pessoas continuam vindo até mim em busca de ajuda. Sempre tento dar assistência com algum grau de generosidade, mas em certos momentos tive de lutar contra um sentimento de indignação⁹.

A reposta de Jesus foi diferente do que poderia ser a minha. Ele “compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor”¹⁰ (Marcos 6:34a; veja Mateus 14:14). Lucas escreveu que Jesus acolheu-os (Lucas 9:11a)¹¹. Ele não os suportou; Ele não os tolerou; Ele *acolheu-os*. Isto me fascina.

⁷Quem conhece a região garante que isso não constituiu nenhum problema especial. Quem viajava a pé tinha de atravessar o rio Jordão, mas havia uma vau um pouco ao norte de onde o rio afluía para o mar da Galiléia.

⁸Não creio que este seja um julgamento precipitado, pois quando Jesus sugeriu que alimentassem a multidão, a resposta dos discípulos foi mandar o povo embora (Marcos 6:36).

⁹Enquanto elaborava este sermão, recebi um telefonema de uma mulher que, praticamente, pediu-me para deixar o que estava fazendo a fim de ajudá-la por uma hora ou mais. Tendo o exemplo de Jesus tão recente em minha mente, não tive escolha: ajudei-a.

¹⁰Veja comentários sobre a expressão “ovelhas sem pastor” na página 38 da edição anterior desta série.

¹¹A ERC diz que Jesus os “recebeu”.

João disse que “seguia-o numerosa multidão, porque tinham visto os sinais que ele fazia na cura dos enfermos” (João 6:2). Cristo logo se pôs a “socorrer os que tinham necessidade de cura” (Lucas 9:11c). Como Jesus nunca perdia uma oportunidade para pregar, Ele também “passou a ensinar-lhes muitas coisas” (Marcos 6:34b), falando “a respeito do reino de Deus” (Lucas 9:11b).

Aquele foi mais um longo dia na vida de Jesus. De vez em quando, Ele fazia uma pausa indo para a encosta de uma montanha da região (veja João 6:4, 15). Mas, na maior parte do dia, Ele esteve ocupado ensinando e curando. Enquanto isso, a multidão continuava a crescer (João 6:5)¹². Mais tarde, diz-se que a multidão era de “cinco mil homens, além de mulheres e crianças” (Mateus 14:21). As estimativas do número de mulheres e crianças variam¹³, mas poderia haver ali de dez a quinze mil presentes.

Ao longo do dia, Jesus alimentou o povo espiritualmente, mas com o cair da tarde, a necessidade de alimento físico tornou-se crítica. Os milhares aglomerados na planície—incluindo Cristo e Seus discípulos—havam passado o dia sem comer. (Você pode imaginar dez mil estômagos famintos roncando de uma só vez?) A súbita partida do Senhor de Cafarnaum e a resposta impulsiva da multidão não permitiram que houvesse tempo para se prepararem para a viagem.

A necessidade de alimento físico pode parecer um lugar-comum numa época repleta de milagres fascinantes e ensinamentos que transformavam vidas, mas Deus nos fez de tal maneira que nossos corpos precisam ser reabastecidos de tempos em tempos. Não devemos “viver só de pão” (Mateus 4:4), mas um pãozinho ou uma bolacha são necessários para nos manter em pé.

Jesus não hesitou em chamar a atenção dos discípulos para aquela necessidade. Apontando para a multidão, Ele perguntou a Filipe: “Onde compraremos pães para lhes dar a comer?” (João 6:5). Depois, disse aos apóstolos: “...dai-lhes, vós mesmos, de

¹²João explicou que “a Páscoa, festa dos judeus, estava próxima” (João 6:4). Já sugeriram que isto foi escrito para explicar como a multidão cresceu, como os peregrinos a caminho de Jerusalém paravam para ver do que se tratava toda aquela agitação. O problema com essa hipótese é que nesse caso teriam levado suprimentos com eles; no entanto, quando foram sondados no final do dia, constatou-se que não tinham suprimentos. Talvez este detalhe tenha sido fornecido simplesmente para enfatizar a época do ano, para explicar por que havia “muita relva” naquele lugar (João 6:10).

¹³Alguns pensam que seriam poucas as mulheres e crianças que fariam esse trajeto, enquanto outros dizem que isso não faz sentido.

comer” (Mateus 14:16). A multidão tinha necessidades, tanto físicas como espirituais.

Pessoas Necessitadas Hoje

As pessoas ainda têm necessidades, necessidades reais, hoje em dia. As necessidades mais importantes são espirituais. Jesus enfatizou isto quando perguntou: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mateus 16:26). Todavia, as pessoas também têm outras necessidades, necessidades que não devem ser ignoradas. Certo homem contou a outro que estivera numa região onde as pessoas estavam morrendo de fome. O segundo homem perguntou: “O que você fez?” E o primeiro respondeu: “Eu lhes dei folhetos”. “E o que aconteceu?”, indagou o segundo. O homem que contava a história respondeu com tristeza: “Eles comeram os folhetos”.

Determinadas necessidades são reconhecidas há anos—são elas as necessidades de alimento e vestuário. Tiago 2:15 fala dos “carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano”. Assisti a uma apresentação em *slides* sobre os prédios da igreja primitiva do quarto e quinto séculos. Cada um desses prédios tinha uma ou mais salas anexas para armazenar alimento e roupas aos necessitados. Os prédios de igreja modernos geralmente possuem salas semelhantes separadas para a benevolência.

Outra necessidade que é amplamente reconhecida é a necessidade de se cuidar das viúvas e órfãos. Tiago escreveu: “A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações...” (Tiago 1:27). Muitas congregações possuem programas para assegurar que suas viúvas não sejam negligenciadas (veja Atos 6:1). Alguns cristãos adotaram crianças abandonadas. Entre outras formas de se exercer esses cuidados estão os orfanatos e as casas de repouso. Nem sempre há unanimidade sobre qual é a melhor maneira de se cuidar de viúvas e órfãos, mas todos concordamos que precisamos nos preocupar com essa necessidade.

Outras necessidades comumente reconhecidas poderiam ser mencionadas, como a necessidade de se cuidar dos doentes. Jesus preocupava-se com os doentes. Ele elogiou os seguidores benevolentes com estas palavras: “Estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me” (Mateus 25:36a). Muitas congregações tentam ajudar os doentes, incluindo levar refeições quando necessário. Em alguns países, os cristãos até construíram hospitais para ajudar a aliviar o sofrimento.

Servir o próximo como costumamos fazer é bom, mas devemos ser sensíveis ao fato de que novas necessidades estão sempre surgindo—ou, pelo menos, novas expressões de velhas necessidades¹⁴. Lares estão se dividindo por causa do divórcio. Filhos são negligenciados e sofrem abusos. O alcoolismo e a adição a drogas continuam aumentando. A promiscuidade sexual está desenfreada e a epidemia de AIDS mostra poucos sinais de diminuição. Homens e mulheres lutam contra sérios problemas emocionais. O número de “pessoas de rua” desamparadas em nossas cidades está aumentando. A lista poderia continuar.

Não estamos insinuando que temos as respostas sobre como solucionar esses problemas. Nem estamos sugerindo que devemos, como congregações, elaborar programas para abraçar tais desafios. O que estamos tentando fazer é salientar que existem necessidades—toda sorte de necessidades, necessidades reais, necessidades legítimas que nós, cristãos individuais, podemos ajudar a suprir.

Novamente, é preciso manter as prioridades na ordem certa. Não podemos desviar do alvo de levar as pessoas ao conhecimento da salvação em Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ignorar as necessidades latentes dos que nos cercam é ser inferior ao que Deus quer que sejamos. Enquanto o primeiro mandamento é “amar ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração”, o segundo é “amar ao próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37, 39). João escreveu:

Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 João 3:17).

...aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão (1 João 4:20, 21).

COMO ALGUNS EVITAM AJUDAR

Retomemos a história bíblica. Como já observamos, Jesus estava ciente das necessidades da multidão, e Ele mandou os apóstolos ajudarem o povo. As respostas dos discípulos são semelhantes às nossas, quando muitas vezes nos pedem ajuda.

¹⁴Gálatas 6:10 fala de fazer o “bem” num sentido geral; 1 Tessalonicenses 5:14 também indica que devemos ajudar as pessoas com as necessidades que elas tenham. As necessidades que mencionamos neste parágrafo são as que vemos no nosso ambiente. Adapte isso à realidade dos seus ouvintes. Talvez as necessidades básicas—comida, roupas e afins—ainda sejam as mais urgentes na sua região.

“Não dispomos de recursos”

Aparentemente, Cristo desafiou primeiramente Filipe:

Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer¹⁵ (João 6:5, 6).

Não sabemos por que o Senhor escolheu Filipe¹⁶. Alguém sugeriu que Filipe era daquela região¹⁷ e seria o mais propenso a saber quais recursos encontravam-se disponíveis. Qualquer que seja o motivo, Filipe foi interrogado; e a resposta do apóstolo foi típica de como costumamos responder a desafios. Com efeito, ele disse: “Vamos verificar se dispomos ou não dos recursos”. Rapidamente, ele calculou o número de pessoas presentes¹⁸. Ele estabeleceu o total mínimo de pães necessários para cada pessoa e multiplicou-o pelo número de pessoas. Depois, calculou o preço vigente do pão e multiplicou-o pela quantidade de pães necessários. Daí, ele informou a Jesus o resultado final: “Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço” (João 6:7; veja Marcos 6:37). Um denário representava o salário de um dia de um trabalhador comum (Mateus 20:2). Levava mais de meio ano para um trabalhador ganhar duzentos denários! A bolsa de dinheiro dos discípulos¹⁹ certamente continha apenas uma parte desse montante.

Não é verdade que às vezes pensamos que a solução para todos os nossos problemas é o dinheiro? E nesse caso, nossa primeira reação diante de uma necessidade não é geralmente verificar o montante de dinheiro de que dispomos? Em se tratando de desafios individuais, talvez nossa resposta seja: “Não temos nada designado para isso em nosso orçamento”. Um erro comum, quando somos confrontados com uma tarefa enorme, é enxergar só os

¹⁵Toda vez que o Senhor lança um desafio diante de nós, Ele já tem uma solução. Só temos de descobrir qual é!

¹⁶Filipe foi um dos primeiros a seguir a Jesus. (Reveja a lição “Uma Primeira Vez para Tudo!”, na página 42 da edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série.)

¹⁷Filipe era de Betsaida (João 1:44; 12:21), que provavelmente era a Betsaida subúrbio de Cafarnaum, mas é possível que fosse a Betsaida à margem leste do mar (onde ocorreu a multiplicação aos cinco mil; Lucas 9:10).

¹⁸Desconhecemos o pensamento exato de Filipe, mas para chegar ao número mencionado, ele teve de passar por um processo semelhante ao descrito.

¹⁹Havia uma bolsa ou caixa que continha os escassos fundos usados por Jesus e Seus discípulos enquanto viajavam. Judas era responsável por essa bolsa/caixa (João 12:6; 13:29).

nossos recursos em vez de confiar em Deus, o qual possui recursos ilimitados.

Dizem que, em relação à obra do Senhor, os cristãos às vezes sofrem de “paralisia de análise”. Alguns parecem pensar que cabe ao seu ministério determinar por que este ou aquele plano *não* vai funcionar. Tenho de confessar que às vezes cometo esse erro.

“Esse problema não é nosso”

A seguir, todos os apóstolos foram confrontados com as necessidades das massas—e mais uma vez nos projetamos na resposta deles: “Mas o dia começava a declinar. Então, se aproximaram os doze e lhe disseram: Despede a multidão, para que, indo às aldeias e campos circunvizinhos, se hospedem²⁰ e achem alimento; pois estamos aqui em lugar deserto” (Lucas 9:12).

A “solução” deles era algo menos do que prático. Imagine a confusão resultante de dez a quinze mil pessoas dispersando-se pelas cidades e povoados daquela região. O caos se instalaria se milhares de pessoas com fome de repente aparecessem na minha pequena cidade de Judsonia, à procura de comida! Por que os discípulos deram essa sugestão? Possivelmente, cansados e famintos, não queriam lidar com aquele problema.

Infelizmente, essa também é, por vezes, a nossa “solução” quando nos deparamos com pessoas necessitadas: “Vão embora. Resolvam vocês sozinhos. Isso não é da minha responsabilidade. Não posso ser incomodado”. Não gostamos de ser incomodados. Não queremos levar nos ombros os problemas dos outros. Mais uma vez, receio que devo confessar-me “culpado”.

“Eles não merecem ajuda”

Os apóstolos poderiam ter apresentado mais motivos para não ajudarem a multidão. Por exemplo, poderiam ter dito: “Eles não merecem nossa ajuda. Não estão interessados de verdade nas questões espirituais. Só estão aqui para obter assistência médica e comida de graça”. Os fatos subsequentes provariam que tal análise estava correta; Jesus sugeriu posteriormente que a multidão era superficial e que suas prioridades eram erradas²¹.

Cristo sabia quais eram os pensamentos e os motivos das pessoas (João 2:25), mas Ele não usou isto como desculpa para não ajudá-las. Não deve-

²⁰O fato de os apóstolos mencionarem “hospedar-se” é prova de que a maioria dos milhares presentes na planície não era daquela localidade.

²¹Veja o comentário nas páginas 12 e 13.

mos incentivar a preguiça (2 Tessalonicenses 3:10); mas, quando uma necessidade é legítima, temos de tentar ajudar—não devido a quem é o destinatário, mas devido a quem nós somos²².

O Senhor não aceitou as desculpas dos Seus discípulos para não ajudarem, mas disse: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Marcos 6:37). Será que Seus olhos faiscaram quando Ele disse isto? Tampouco Ele aceitará desculpas dos Seus seguidores que deixarem de fazer “o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé” (Gálatas 6:10).

COMO PODEMOS AJUDAR?

Esta foi a parte negativa da história. Vejamos agora a positiva: como *podemos* aceitar o desafio de ajudar pessoas quando elas possuem necessidades legítimas?

Absorva o Espírito de Jesus

É provável que a sugestão mais importante seja que temos de absorver o espírito de Jesus. Lembrese de que Cristo *compadeceu-Se* da multidão e *acolheu-a*. Os apóstolos talvez vissem só o incômodo, mas Jesus via necessidades.

A falta de sensibilidade às necessidades alheias é uma deficiência muito comum. Com certeza, é uma das minhas falhas. Não muito tempo atrás, num enterro, quando Jo, minha esposa, abraçava uma mulher cuja mãe falecera, a mulher lhe disse: “Você é uma das mulheres mais gentis que conheço”. Há uma razão para esse merecido elogio: minha esposa é sensível às necessidades dos que a cercam. Ela expressa uma preocupação que os outros identificam como legítima e sempre acaba encontrando uma forma de ajudar. Ela tem um dom especial.

Novamente digo que assumir o espírito de Jesus é a sugestão mais importante que podemos dar sobre como ajudar as pessoas. Se desenvolvermos a atitude de Cristo para com os necessitados, isto suplantarão nossa relutância em ajudar e removerá qualquer obstáculo. Todavia, algumas sugestões específicas também podem ser úteis. Vejamos o que aconteceu a seguir.

Use os recursos que você tem

Filipe e os demais discípulos haviam focado o que eles *não* tinham, mas Jesus incentivou-os a tomarem conhecimento dos recursos que *se encontravam* disponíveis. Disse Ele: “Quantos pães tendes? Ide ver!” (Marcos 6:38a). A “solução” dos discípulos havia sido: “Não comprar” (veja Mateus 14:15; Mar-

cos 6:37), mas a de Jesus foi: “Vão ver: vejam o que vocês *realmente* têm”.

Aparentemente, eles verificaram isso com todos os presentes. Jesus e os apóstolos saíram com tanta pressa que não levaram suprimentos²³, e o mesmo se aplica à multidão em geral. Os apóstolos fizeram uma busca extensa. (Quanto tempo levaria para verificarem as dez a quinze mil pessoas?) Todavia, o único alimento que encontraram foi a merenda de um menino. André disse ao Mestre: “Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas isto que é para tanta gente?” (João 6:9).

Quando você lê “pães”, não pense nos pães grandes de panificadoras que podem servir uma família inteira. Tratavam-se daqueles pãezinhos achatados, tipo sírio. Não muito maiores que um biscoito. Os pães eram de cevada; um grão consumido pelos pobres²⁴. Os peixes deviam ser os pequenos usados em conserva e famosos na região; pense em sardinhas²⁵. “Cinco pães e dois peixinhos”: equivaliam a uma rodela de pão a ser dividida entre 1.000 homens e uma miniatura de peixe para cada 2.500 homens! Era uma merenda que um rapaz faminto consumiria e ainda continuaria com fome. As palavras de André foram realmente uma suposição comedida: “...mas isto que é para tanta gente?” (João 6:9b).

Devo parar para dizer uma coisa sobre um menino se dispondo a abrir mão de sua comida. Sabendo como os meninos amam comer, alguém fez a seguinte anedota: “Esse foi um milagre maior do que a multiplicação dos pães!” Falando sério, a contribuição desse garoto tornou-o famoso. Só posso concluir que, embora fosse jovem, ele estava impressionado com o Senhor e tinha fé nEle. Isto não é maravilhoso?

Jesus queria que Seus seguidores entendessem que, embora não tivessem muito, tinham alguma coisa. A maioria de nós se sai melhor catalogando o que *não* tem e o que *não* está apta a fazer do que alistando o que *pode* fazer e o que *está* apta a fazer. Talvez você se sinta constrangido porque suas atribuições e talentos são tão escassos, mas dedique-os a Deus mesmo assim. Ele poderá surpreender você com os resultados!

Confie nos recursos do Senhor e não nos seus

Quando usar seus recursos a serviço de Deus, entenda que você é um cooperador dAquele que possui o céu e a terra (Gênesis 14:22)! Além disso,

²³Reveja a nota de rodapé 6 na página 10.

²⁴Veja os comentários sobre Apocalipse 6:6, na página 48 da edição “Apocalipse—Parte 3”, de *A Verdade para Hoje*.

²⁵No Brasil, a sardinha é o peixe mais barato e comum.

²²Também poderia-se dizer: “devido a quem pertencemos”.

entenda que quando você dedica o pouco que tem para a Sua obra, Ele pode realizar coisas maravilhosas com esse pouco. Dizem que um punhado nas mãos de Deus sempre é muito. Não há melhor ilustração dessa verdade do que o incidente que estamos estudando.

Você já deve conhecer o resto da história: Jesus disse aos apóstolos: “Fazei o povo assentar-se” (João 6:10)²⁶. “Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos... repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta” (Marcos 6:39, 40). Certamente há várias razões para Jesus mandá-los sentar-se. Essa disposição facilitaria o trabalho de alimentá-los. Você consegue imaginar dez mil pessoas famintas, com as mãos estendidas, comprimindo Jesus e brigando por um lugar? Além disso, essa disposição garantiria que ninguém ficaria de fora. Também é possível que ela tenha ajudado na contagem da multidão—autenticando, consequentemente, o milagre.

Faça o que o Senhor diz, quer você entenda quer não

Será que os doze se sentiram um pouco ridículos organizando a multidão? Será que os presentes lançaram olhares duvidosos quando foram instruídos a sentar-se para fazer uma refeição diante de apenas cinco pães e dois peixes? A multidão, para o seu próprio bem, fez o que o Senhor ordenou. Dizem que o primeiro passo para o sucesso em qualquer aventura não é medir nossos recursos, mas definir qual é a vontade de Deus—e depois cumpri-la.

Quando todos estavam prontos, Cristo “tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu”, a fonte de toda bênção (Tiago 1:17), “os abençoou” (Mateus 14:19a) dando graças (veja João 6:11, 23)²⁷. A oração judaica antes das refeições era simples: “Bem-aventurado és tu, Senhor nosso Deus, Rei do universo, que geraste o pão da terra”²⁸. Talvez Jesus tenha usado palavras semelhantes a essas.

²⁶João acrescentou: “pois havia naquele lugar muita relva”, detalhe de uma testemunha ocular explicando por que as pessoas se dispuseram a sentar-se no chão. (Veja também Mateus 14:19; Marcos 6:39.)

²⁷O exemplo de Jesus nessa ocasião nos ensina que devemos dar graças pelo alimento—mesmo quando a porção é mínima. Os judeus tinham um ditado: “Quem desfruta de qualquer coisa sem dar graças é como se roubasse a Deus” (William Barclay, *The Gospel of Luke* [“O Evangelho de Lucas”], ed. rev., The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 118).

²⁸William Barclay, *The Gospel of Matthew* [“O Evangelho de Mateus”], ed. rev. vol. 2. The Daily Study Bible Series. Filadélfia: Westminster Press, 1975, p. 100.

A seguir vem a parte que nos deixa perplexos: Cristo, “partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes” (Marcos 6:41). Gostaria de dar um grito: “Espere aí! Explique melhor! Explique exatamente como foi isso! Dê os detalhes do que aconteceu!” Mais uma vez (caso ainda precisemos disso), temos uma prova de que a Bíblia não foi escrita para satisfazer a nossa curiosidade.

Quanto ao que ocorreu, sinto-me seguro de que o milagre aconteceu somente nas mãos de Jesus. Alguns acreditam que Jesus deu a cada apóstolo um cesto e que a comida continuou aumentando nesses cestos, à medida que eles a distribuía. O texto, porém, enfatiza que “partindo os pães, deu-os aos discípulos para que distribuíssem [ao povo]” (Marcos 6:41)²⁹. Em outras palavras, os discípulos tiveram de ficar voltando até encherem seus cestos³⁰. Alguém disse que Jesus era o chefe da cozinha e os discípulos eram apenas garçons³¹.

Se eu tivesse que dar um palpite, diria que o milagre foi semelhante ao da panela de farinha e da botija de azeite que nunca se acabavam nos dias de Elias (1 Reis 17:14–16). Jesus enfiava as mãos na sacola ou cesto em que o menino guardava sua merenda e tirava dali cada vez mais pão e peixe. (Imagino Jesus alargando o sorriso, à proporção que os olhos dos presentes se arregalavam cada vez mais.) Não é importante saber os detalhes exatos. Basta saber que ocorreu ali *um milagre*—um milagre de verdade.

Segundo Mateus, Marcos e Lucas, o povo comeu até “se fartar” (Mateus 14:20a; Marcos 6:42; Lucas 9:17a). João enfatizou que eles comeram “quanto queriam” e que todos ficaram “fartos” (João 6:11, 12). Visto que a multidão voltou no dia seguinte em busca de mais pão (João 6:26, 27, 34), Jesus talvez tenha até aprimorado a qualidade do repasto—de maneira que o pão de cevada seco e duro e o peixe salgado tivessem o sabor de um banquete de rei.

Quando todos estavam satisfeitos, Cristo disse aos apóstolos: “Recolhei os pedaços que sobraram, para que nada se perca” (João 6:12), “e ainda reco-

²⁹A ERA reflete corretamente a ação contínua do verbo usado no texto grego.

³⁰Talvez você se pergunte de onde vieram os cestos usados pelos apóstolos. Sabemos por meio da história secular que os judeus carregavam pequenos cestos assim como muitas pessoas da era moderna carregam bolsas e maletas. É costume na maioria dos lugares do mundo se levar pequenas bolsas onde se colocam itens necessários ao longo do dia. Ou os cestos eram dos próprios apóstolos, ou foram emprestados de pessoas dentre a multidão.

³¹Alguém também descreveu Cristo como o fabricante e os apóstolos como distribuidores.

lheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe” (Marcos 6:43)³². Esta parte da história tem sido usada para mostrar que o Senhor não aprova desperdício de recursos—e essa é uma aplicação coerente. O propósito principal do detalhe, porém, é destacar a natureza extravagante do milagre. A escassa provisão não só alimentou de dez a quinze mil pessoas, mas também resultou numa sobra final muito maior do que a porção inicial!

Infelizmente, há quem negue ter ocorrido ali um milagre físico real. Alguns têm difundido a idéia de que muitos presentes tinham algum alimento escondido sob suas túnicas e, quando viram o menino dividir generosamente a sua merenda, abriram mão de seus pães e peixes³³. Mesmo superficialmente, essa “explicação” não faz sentido. Se tudo o que Jesus fez foi constranger as pessoas a dividirem a comida que levaram, é impossível explicar o exuberante desejo do povo por coroa-IO Rei (João 6:15). Se nenhuma comida foi produzida a partir da que já existia, não haveria razão alguma para O procurarem no dia seguinte em busca de mais pão.

Outras explicações racionais já foram sugeridas³⁴, mas todas negam o ensino claro de João, de que Jesus realizou um “sinal”—ou seja, um milagre (João 6:14; grifo meu). O relato bíblico é explícito: Jesus pegou a merenda de um garoto e a multiplicou alimentando milhares!

³²O que fizeram com as sobras? Por não ser um detalhe importante, o registro bíblico nada diz a respeito. Se os doze cestos pertenciam aos apóstolos, talvez as sobras tenham servido como refeição para a semana seguinte. Se tomaram os cestos emprestados, talvez os donos dos cestos tenham ganhado as sobras. Com certeza, o rapaz recebeu uma porção generosa do que sobrou. Warren Wiersbe escreveu: “Pergunto-me quantos pedaços o garoto teria levado para casa. Imagine a surpresa da mãe quando ele contou toda a história!” Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* [“Comentário Expositivo da Bíblia”], vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, p. 51.

³³Esses cétricos ridicularizam a idéia de que as pessoas teriam feito aquela viagem sem levar provisões, mas segundo o registro bíblico, foi precisamente essa a situação.

³⁴Há outra explicação denominada “explicação sacramental”: cada um teria recebido uma migalha ou duas de pão e peixe, satisfazendo-se milagrosamente com isto. Essa noção contradiz a afirmação de João de que eles “se fartaram” (João 6:11, 12) e não explica como sobraram doze cestos cheios depois de tudo!

Livre-se das desculpas para não ajudar os outros

Mais uma vez, enfatizamos que pouco nas mãos do Senhor é muito. Vamos parar de reclamar do que não temos e não podemos fazer. Em vez disso, vamos usar o que temos e fazer o que podemos para ajudar os outros—e, daí, nos prepararmos para a surpresa diante da multiplicação que o Senhor fará dos nossos recursos e resultados!

CONCLUSÃO

Jesus queria que os apóstolos aprendesse com essa experiência—aprendessem que Ele poderia ajudá-los a vencer *qualquer* desafio da vida (veja Marcos 6:52). Eles tiveram dificuldade para compreender essa verdade, mas espero que nós sejamos mais receptivos. Aprendamos com isto que, quando pararmos de dar desculpas e começarmos a fazer o que podemos, Deus abençoará nosso empenho e também abençoará as vidas de outras pessoas.

Este sermão sobre ajudar o próximo é a minha porção de cinco pães e dois peixinhos. Tenho ciência das limitações das palavras ditas por mim. Sei que eu jamais poderei alimentar os corações dos milhares a quem serei enviado. Oro, portanto, para que Deus abençoe estas palavras e multiplique sua utilidade. Acima de tudo, oro para que este sermão ajude os cristãos a entenderem que as pessoas têm necessidades, que cabe a nós atender essas necessidades e que—com a ajuda do Senhor—*podemos* suprir essas necessidades!

Notas

Nesta apresentação, ressaltarei a ajuda prestada aos necessitados em geral. Talvez você queira enfocar um dos aspectos da assistência ao próximo: “Quando as Pessoas Não Merecem Ajuda”.

Se gostar da pregação narrativa, tente contar a história do ponto de vista do garoto cuja merenda Jesus multiplicou.

Visando causar certo impacto, você poderia intitular o sermão de “Alimentando os Dez Mil”³⁵.

³⁵Como sempre, sugerimos que inclua no sermão um apelo aos não-cristãos e aos cristãos infieis. Afinal, sempre estaremos limitados na ajuda que podemos oferecer aos outros se, antes, não cuidarmos da nossa relação com Deus. Se quiser, use passagens como Marcos 16:16; Atos 2:38 e Gálatas 3:26, 27.